

SANTA MARIA, MÃE DE DEUS

CIC 464-469: Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem

- 464** O acontecimento único e absolutamente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que seja o resultado de uma mistura confusa do divino com o humano. Ele fez-Se verdadeiro homem, permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Esta verdade da fé, teve a Igreja de a defender e clarificar no decurso dos primeiros séculos, perante heresias que a falsificavam.
- 465** As primeiras heresias negaram menos a divindade de Cristo que a sua verdadeira humanidade (docetismo gnóstico). Desde os tempos apostólicos que a fé cristã insistiu sobre a verdadeira Encarnação do Filho de Deus «vindo na carne»¹. Mas, a partir do século III, a Igreja teve de afirmar, contra Paulo de Samossata, num concílio reunido em Antioquia, que Jesus Cristo é Filho de Deus por natureza e não por adopção. O primeiro Concílio ecuménico de Niceia, em 325, confessou no seu *Credo* que o Filho de Deus é «gerado, não criado, consubstancial (‘homoúsios’) ao Pai»²; e condenou Ario, o qual afirmava que «o Filho de Deus saiu do nada»³ e devia ser «duma substância diferente da do Pai»⁴.
- 466** A heresia nestoriana via em Cristo uma pessoa humana unida à pessoa divina do Filho de Deus. Perante esta heresia, São Cirilo de Alexandria e o terceiro Concílio ecuménico, reunido em Éfeso em 431, confessaram que «o Verbo, unindo na sua pessoa uma carne animada por uma alma racional, Se fez homem»⁵. A humanidade de Cristo não tem outro sujeito senão a pessoa divina do Filho de Deus, que a assumiu e a fez sua desde que foi concebida. Por isso, o Concílio de Éfeso proclamou, em 431, que Maria se tornou, com toda a verdade, Mãe de Deus, por ter concebido humanamente o Filho de Deus em seu seio: «Mãe de Deus, não porque o Verbo de Deus dela tenha recebido a natureza divina, mas porque dela recebeu o corpo sagrado, dotado duma alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, se diz que o Verbo nasceu segundo a carne»⁶.
- 467** Os monofisitas afirmavam que a natureza humana tinha deixado de existir, como tal, em Cristo, sendo assumida pela sua pessoa divina de Filho de

¹ Cf. 1 Jo 4, 2-3; 2 Jo 7.

² *Símbolo de Niceia*: DS 125.

³ CONCÍLIO DE NICEIA, *Epistula synodalis* «Epeidê tês» ad Aegyptios: DS 130.

⁴ *Símbolo de Niceia*: DS 126.

⁵ CONCÍLIO DE ÉFESO, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 250.

⁶ CONCÍLIO DE ÉFESO, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 251.

Deus. Confrontando-se com esta heresia, o quarto Concílio ecuménico, em Calcedónia, no ano de 451, confessou:

«Na sequência dos santos Padres, ensinamos unanimemente que se confesse um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, igualmente perfeito na divindade e perfeito na humanidade, sendo o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, composto duma alma racional e dum corpo, consubstancial ao Pai pela sua divindade, consubstancial a nós pela sua humanidade, «semelhante a nós em tudo, menos no pecado»⁷: gerado do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, e nestes últimos dias, por nós e pela nossa salvação, nascido da Virgem Mãe de Deus segundo a humanidade.

Um só e mesmo Cristo, Senhor, Filho Único, que devemos reconhecer em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação. A diferença das naturezas não é abolida pela sua união; antes, as propriedades de cada uma são salvaguardadas e reunidas numa só pessoa e numa só hipóstase»⁸.

468 Depois do Concílio de Calcedónia, alguns fizeram da natureza humana de Cristo uma espécie de sujeito pessoal. Contra eles, o quinto Concílio ecuménico, reunido em Constantinopla em 553, confessou a propósito de Cristo: «não há n'Ele senão uma só hipóstase (ou pessoa), que é nosso Senhor Jesus Cristo, *um da Trindade*»⁹. Tudo na humanidade de Cristo deve, portanto, ser atribuído à sua pessoa divina como seu sujeito próprio¹⁰; não só os milagres, mas também os sofrimentos¹¹ e a própria morte: «Aquele que foi crucificado na carne, nosso Senhor Jesus Cristo, é verdadeiro Deus, Senhor da glória e um da Santíssima Trindade»¹².

469 Assim, a Igreja confessa que Jesus é inseparavelmente verdadeiro Deus e verdadeiro homem. É verdadeiramente o Filho de Deus feito homem, nosso irmão, e isso sem deixar de ser Deus, nosso Senhor:

«Id quod fuit remansit, et quod non fuit assumpsit» – «Continuou a ser o que era e assumiu o que não era», como canta a Liturgia Romana¹³. E a Liturgia de São João Crisóstomo proclama e canta: «Ó Filho único e Verbo de Deus, sendo imortal, Vos dignastes, para nossa salvação, encarnar no seio da Santa Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, e sem mudança Vos fizestes homem e fostes crucificado! Ó Cristo Deus, que por Vossa morte esmagastes a morte, que sois um da Santíssima Trindade, glorificado com o Pai e o Espírito Santo, salvai-nos!»¹⁴.

CIC 495, 2677: Maria é a Mãe de Deus

A MATERNIDADE DIVINA DE MARIA

495 Chamada nos evangelhos «a Mãe de Jesus» (Jo 2, 1; 19, 25)¹⁵, Maria é aclamada, sob o impulso do Espírito Santo e desde antes do nascimento do seu Filho, como

⁷ Cf. Heb 4, 15.

⁸ CONCÍLIO DE CALCEDÓNIA, *Symbolum*: DS 301-302.

⁹ II CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA, Sess. 8ª, Canon 4: DS 424.

¹⁰ Cf. já CONCÍLIO DE ÉFESO, *Anathematismi Cyrilli Alexandrini*, 4: DS 255.

¹¹ Cf. II CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA, Sess. 8ª, Canon 3: DS 423.

¹² Cf. II CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA, Sess. 8ª, Canon 10: DS 432.

¹³ Antífona do «Benedictus» no ofício da Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 394 [A edição oficial portuguesa omite a versão deste texto: *Liturgia das Horas* (Gráfica de Coimbra 1983), v. 1, p. 438]; cf. SÃO LEÃO MAGNO, *Sermão* 21, 2: CCL 138, 87 (PL 54, 192).

¹⁴ *Ofício das Horas Bizantino*, Tropário «O monoghenis»: «Horológion tò méga (Romae 1876) p. 82.

¹⁵ Cf. Mt 13, 55.

«a Mãe do meu Senhor» (Lc 1, 43). Com efeito, Aquele que Ela concebeu como homem por obra do Espírito Santo, e que Se tornou verdadeiramente seu Filho segundo a carne, não é outro senão o Filho eterno do Pai, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. A Igreja confessa que Maria é, verdadeiramente, Mãe de Deus (Θεοτόκος)¹⁶.

2677 «*Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós...*». Com Isabel, também nós ficamos maravilhados: «E de onde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?» (Lc 1, 43). Porque nos dá Jesus, seu Filho, Maria é Mãe de Deus e nossa Mãe; podemos confiar-lhe todas as nossas preocupações e pedidos: Ela ora por nós como orou por si própria: «Faça-se em Mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Confiando-nos à sua oração, abandonamo-nos com Ela à vontade de Deus: «Seja feita a vossa vontade».

«*Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte*». Pedindo a Maria que rogue por nós, reconhecemo-nos pobres pecadores e recorremos à «Mãe de misericórdia», à «Santíssima». Confiamo-nos a Ela «agora», no hoje das nossas vidas. E a nossa confiança alarga-se para lhe confiar desde agora «a hora da nossa morte». Que Ela esteja então presente como na morte do seu Filho na cruz e que, na hora do nosso passamento, Ela nos acolha como nossa Mãe¹⁷, para nos levar ao seu Filho Jesus, no Paraíso.

CIC 1, 52, 270, 294, 422, 654, 1709, 2009: a nossa adoção como filhos de Deus

1 Deus, infinitamente perfeito e bem-aventurado em Si mesmo, num desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para o tornar participante da sua vida bem-aventurada. Por isso, sempre e em toda a parte, Ele está próximo do homem. Chama-o e ajuda-o a procurá-Lo, a conhecê-Lo e a amá-Lo com todas as suas forças. Convoca todos os homens, dispersos pelo pecado, para a unidade da sua família que é a Igreja. Para tal, enviou o seu Filho como Redentor e Salvador na plenitude dos tempos. N'Ele e por Ele, chama os homens a tornarem-se, no Espírito Santo, seus filhos adotivos e, portanto, herdeiros da sua vida bem-aventurada.

52 Deus, que «habita numa luz inacessível» (1 Tm 6, 16), quer comunicar a sua própria vida divina aos homens que livremente criou, para fazer deles, no seu Filho único, filhos adotivos¹⁸. Revelando-Se a Si mesmo, Deus quer tornar os homens capazes de Lhe responderem, de O conhecerem e de O amarem, muito para além de tudo o que seriam capazes por si próprios.

270 Deus é o *Pai* todo-poderoso. A sua paternidade e o seu poder esclarecem-se mutuamente. Com efeito, Ele mostra a sua onipotência paterna pelo modo como cuida das nossas necessidades¹⁹; pela adoção filial que nos concede («serei para vós um Pai e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor todo

¹⁶ Cf. CONCÍLIO DE ÉFESO, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 251.

¹⁷ Cf. Jo 19, 27.

¹⁸ Cf. Ef 1, 4-5.

¹⁹ Cf. Mt 6, 32.

poderoso»: 2 Cor 6, 18); enfim, pela sua infinita misericórdia, pois mostra o seu poder no mais alto grau, perdoando livremente os pecados.

294 A glória de Deus está em que se realize esta manifestação e esta comunicação da sua bondade, em ordem às quais o mundo foi criado. Fazer de nós «filhos adoptivos por Jesus Cristo. Assim aprouve à sua vontade, *para que fosse enaltecida a glória da sua graça*» (Ef 1, 5-6): «Porque a glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus; se a revelação de Deus pela criação já proporcionou a vida a todos os seres que vivem na terra, quanto mais a manifestação do Pai pelo Verbo proporciona a vida aos que vêem a Deus!»²⁰. O fim último da criação é que Deus Pai, «criador de todos os seres, venha finalmente a ser *'tudo em todos'* (1 Cor 15, 28), provendo, ao mesmo tempo, à sua glória e à nossa felicidade»²¹.

422 «Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito à Lei, para resgatar os que estavam sujeitos à Lei e nos tornar seus filhos adoptivos» (Gl 4, 4-5). Esta é a «Boa-Nova de Jesus Cristo, Filho de Deus»²²: Deus visitou o seu povo²³ e cumpriu as promessas feitas a Abraão e à sua descendência²⁴; fê-lo para além de toda a expectativa: enviou o seu «Filho muito-amado»²⁵.

654 Existe um duplo aspecto no mistério pascal: pela sua morte, Cristo liberta-nos do pecado; pela sua ressurreição, abre-nos o acesso a uma nova vida. Esta é, antes de mais, a *justificação*, que nos repõe na graça de Deus²⁶, «para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos [...], também nós vivamos uma vida nova» (Rm 6, 4). Esta consiste na vitória sobre a morte do pecado e na nova participação na graça²⁷; realiza a *adopção filial*, porque os homens tornam-se irmãos de Cristo, como o próprio Jesus chama aos discípulos depois da ressurreição: «Ide anunciar aos meus irmãos» (Mt 28, 10)²⁸. Irmãos, não por natureza, mas por dom da graça, porque esta filiação adoptiva proporciona uma participação real na vida do Filho, plenamente revelada na sua ressurreição.

1709 Quem crê em Cristo torna-se filho de Deus. Esta adopção filial transforma-o, dando-lhe a possibilidade de seguir o exemplo de Cristo. Torna-o capaz de agir com rectidão e de praticar o bem. Na união com o seu Salvador, o discípulo atinge a perfeição da caridade, que é a santidade. Amadurecida na graça, a vida moral culmina na vida eterna, na glória do céu.

2009 A adopção filial, tornando-nos, pela graça, participantes da natureza divina, pode conferir-nos, segundo a justiça gratuita de Deus, um *verdadeiro mérito*. Trata-se de um direito derivante da graça, o direito pleno do amor que nos faz

²⁰ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses* 4, 20, 7: SC 100, 648 (PG 7, 1037).

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 2: AAS 58 (1966) 948.

²² Cf. *Mc* 1, 1.

²³ Cf. *Lc* 1, 68.

²⁴ Cf. *Lc* 1, 55.

²⁵ Cf. *Mc* 1, 11.

²⁶ Cf. *Rm* 4, 25.

²⁷ Cf. *Ef* 2, 4-5; *1 Pe* 1, 3.

²⁸ Cf. *Jo* 20, 17.

«co-herdeiros» de Cristo e dignos de obter a «herança prometida da vida eterna»²⁹. Os méritos das nossas boas obras são dons da bondade divina³⁰. «A graça precedeu; agora restitui-se o que é devido... Os méritos são dons de Deus»³¹.

CIC 527, 577-582: Jesus cumpre a Lei e aperfeiçoa-a

527 A *circuncisão* de Jesus, oito dias depois do seu nascimento³², é sinal da sua inserção na descendência de Abraão, no povo da Aliança, da sua submissão à Lei³³ e da sua deputação para o culto de Israel, no qual participará durante toda a sua vida. Este sinal prefigura «a circuncisão de Cristo», que é o Baptismo³⁴.

577 Jesus fez uma solene advertência no início do sermão da montanha, ao apresentar a Lei dada por Deus no Sinai, quando da primeira Aliança, à luz da graça da Nova Aliança:

«Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim revogá-los, mas levá-los à perfeição. Em verdade vos digo: Antes que passem o céu e a Terra, não passará da Lei a mais pequena letra ou o mais pequeno sinal, sem que tudo se cumpra. Portanto, se alguém transgredir um só destes mandamentos, por mais pequeno que seja, e ensinar assim aos homens, será o menor no Reino dos céus. Mas aquele que os praticar e ensinar, será grande no Reino dos céus» (*Mt 5, 17-19*).

578 Jesus, o Messias de Israel e, portanto, o maior no Reino dos céus, fazia questão de cumprir a Lei, executando-a integralmente até nos mais pequenos preceitos, segundo as suas próprias palavras. Foi, mesmo, o único a poder fazê-lo perfeitamente³⁵. Os Judeus, segundo a sua própria confissão, não puderam nunca cumprir integralmente a Lei sem violação do mínimo preceito³⁶. Por isso é que, em cada festa anual da Expição, os filhos de Israel pediam a Deus perdão pelas suas transgressões da Lei. Com efeito, a Lei constitui um todo e, como lembra São Tiago, «quem observa toda a Lei, mas falta num só mandamento, fica réu de todos os outros» (*Tg 2, 10*)³⁷.

579 Este princípio da integralidade da observância da Lei, não só na letra mas também no espírito, era caro aos fariseus. Tornando-o extensivo a Israel, conduziram muitos judeus do tempo de Jesus a um zelo religioso extremo³⁸. E um tal zelo, se não se ficasse por uma casuística «hipócrita»³⁹, com certeza que prepararia o povo para esta inaudita intervenção de Deus, que será o cumprimento perfeito da Lei pelo único justo representante de todos os pecadores⁴⁰.

²⁹ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 16: DS 1546.

³⁰ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 16: DS 1546.

³¹ SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 298, 4-5: SPM 1, 98-99 (PL 38, 1376).

³² Cf. *Lc 2, 21*.

³³ Cf. *Gl 4, 4*.

³⁴ Cf. *Cl 2, 11-13*.

³⁵ Cf. *Jo 8, 46*.

³⁶ Cf. *Jo 7, 19*; *Act 13, 38-41*; *15, 10*.

³⁷ Cf. *Gl 3, 10*; *5, 3*.

³⁸ Cf. *Rm 10, 2*.

³⁹ Cf. *Mt 15, 3-7*; *Lc 11, 39-54*.

⁴⁰ Cf. *Is 53, 11*; *Heb 9, 15*.

- 580** O cumprimento perfeito da Lei só podia ser obra do divino Legislador, nascido sujeito à Lei na pessoa do Filho⁴¹. Em Jesus, a Lei já não aparece gravada em tábuas de pedra, mas «no íntimo do coração» (*Jr* 31, 33) do Servo, o qual, proclamando «fielmente o direito» (*Is* 42, 3), se tornou «a aliança do povo» (*Is* 42, 6). Jesus cumpriu a Lei até ao ponto de tomar sobre Si «a maldição da Lei»⁴² em que incorrem aqueles que não «praticam todos os preceitos da Lei»⁴³; porque «a morte de Cristo foi para remir as faltas cometidas durante a primeira Aliança» (*Heb* 9, 15).
- 581** Jesus apareceu aos olhos dos Judeus e dos seus chefes espirituais como um «rabbi»⁴⁴. Muitas vezes argumentou, no quadro da interpretação rabínica da Lei⁴⁵. Mas, ao mesmo tempo, Jesus tinha forçosamente de Se confrontar com os doutores da Lei porque não Se contentava com propor a sua interpretação a par das deles: «ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas» (*Mt* 7, 28-29). N'Ele, era a própria Palavra de Deus, que Se fizera ouvir no Sinai, para dar a Moisés a Lei escrita, que de novo Se fazia ouvir sobre a montanha das bem-aventuranças⁴⁶. Esta Palavra de Deus não aboliu a Lei, mas cumpriu-a, ao fornecer, de modo divino, a sua interpretação última: «Ouvistes que foi dito aos antigos... Eu, porém, digo-vos» (*Mt* 5, 33-34). Com esta mesma autoridade divina, desaprova certas «tradições humanas»⁴⁷ dos fariseus, que «anulam a Palavra de Deus»⁴⁸.
- 582** Indo mais longe, Jesus cumpriu a lei sobre a pureza dos alimentos, tão importante na vida quotidiana judaica, explicando o seu sentido «pedagógico»⁴⁹ por uma interpretação divina: «Não há nada fora do homem que, ao entrar nele, o possa tornar impuro [...] – e assim declarava puros todos os alimentos – [...]. O que sai do homem é que o torna impuro. Pois, do interior do coração dos homens é que saem os pensamentos perversos» (*Mc* 7, 18-21). Proporcionando, com autoridade divina, a interpretação definitiva da Lei, Jesus colocou-Se numa situação de confronto com certos doutores da Lei, que não aceitavam a sua interpretação, muito embora garantida pelos sinais divinos que a acompanhavam⁵⁰. Isto vale sobretudo para a questão do sábado: Jesus lembra, e muitas vezes com argumentos rabínicos⁵¹, que o repouso sabático não é violado pelo serviço de Deus⁵² ou do próximo⁵³, que as suas curas realizam.

⁴¹ Cf. *Gl* 4, 4.

⁴² Cf. *Gl* 3, 13.

⁴³ Cf. *Gl* 3, 10.

⁴⁴ Cf. *Jo* 3, 2; *Mt* 22, 23-24.34-36.

⁴⁵ Cf. *Mt* 9, 12; 12, 5; *Mc* 2, 23-27; *Lc* 6, 6-9; *Jo* 7, 22-23.

⁴⁶ Cf. *Mt* 5, 1.

⁴⁷ Cf. *Mc* 7, 8.

⁴⁸ Cf. *Mc* 7, 13.

⁴⁹ Cf. *Gl* 3, 24.

⁵⁰ Cf. *Jo* 5, 36; 10, 25.37-38; 12, 37.

⁵¹ Cf. *Mc* 2, 25-27; *Jo* 7, 22-24.

⁵² Cf. *Mt* 12, 5; *Nm* 28, 9.

⁵³ Cf. *Lc* 13, 15-16; 14, 3-4.

CIC 580, 1972: a Nova Lei liberta-nos das restrições da Lei Antiga

580 O cumprimento perfeito da Lei só podia ser obra do divino Legislador, nascido sujeito à Lei na pessoa do Filho⁵⁴. Em Jesus, a Lei já não aparece gravada em tábuas de pedra, mas «no íntimo do coração» (*Jr* 31, 33) do Servo, o qual, proclamando «fielmente o direito» (*Is* 42, 3), se tornou «a aliança do povo» (*Is* 42, 6). Jesus cumpriu a Lei até ao ponto de tomar sobre Si «a maldição da Lei»⁵⁵ em que incorrem aqueles que não «praticam todos os preceitos da Lei»⁵⁶; porque «a morte de Cristo foi para remir as faltas cometidas durante a primeira Aliança» (*Heb* 9, 15).

1972 A Lei nova é chamada *Lei do amor*, porque faz agir mais pelo amor infundido pelo Espírito Santo do que pelo temor; *Lei da graça*, porque confere a força da graça para agir pela fé e pelos sacramentos; *Lei de liberdade*⁵⁷, porque nos liberta das observâncias rituais e jurídicas da Lei antiga, nos inclina a agir espontaneamente sob o impulso da caridade e, finalmente, nos faz passar da condição do escravo «que ignora o que faz o seu senhor», para a do amigo de Cristo: «porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi do meu Pai» (*Jo* 15, 15); ou ainda para a condição de filho herdeiro⁵⁸.

CIC 683, 689, 1695, 2766, 2777-2778:

através do Espírito Santo podemos chamar a Deus “Abbá”

683 «Ninguém pode dizer “Jesus é o Senhor” a não ser pela acção do Espírito Santo» (*1 Cor* 12, 3). «Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: “Abbá! Pai!”» (*Gl* 4, 6). Este conhecimento da fé só é possível no Espírito Santo. Para estar em contacto com Cristo, é preciso primeiro ter sido tocado pelo Espírito Santo. É Ele que nos precede e suscita em nós a fé. Em virtude do nosso Baptismo, primeiro sacramento da fé, a Vida, que tem a sua fonte no Pai e nos é oferecida no Filho, é-nos comunicada, íntima e pessoalmente, pelo Espírito Santo na Igreja:

O Baptismo «dá-nos a graça do novo nascimento em Deus Pai, por meio do Filho no Espírito Santo. Porque aqueles que têm o Espírito de Deus são conduzidos ao Verbo, isto é, ao Filho; mas o Filho apresenta-os ao Pai, e o Pai dá-lhes a incorruptibilidade. Portanto, sem o Espírito não é possível ver o Filho de Deus, e sem o Filho ninguém tem acesso ao Pai, porque o conhecimento do Pai é o Filho, e o conhecimento do Filho de Deus faz-se pelo Espírito Santo»⁵⁹.

689 Aquele que o Pai enviou aos nossos corações, o Espírito do seu Filho⁶⁰, é realmente Deus. Consubstancial ao Pai e ao Filho, é d’Eles inseparável, tanto na vida íntima da Trindade como no seu dom de amor pelo mundo. Mas ao adorar

⁵⁴ Cf. *Gl* 4, 4.

⁵⁵ Cf. *Gl* 3, 13.

⁵⁶ Cf. *Gl* 3, 10.

⁵⁷ Cf. *Tg* 1, 25; 2, 12.

⁵⁸ Cf. *Gl* 4, 1-7; 21-31; *Rm* 8, 15-17.

⁵⁹ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Demonstratio praedicationis apostolicae*, 7: SC 62, 41-42.

⁶⁰ Cf. *Gl* 4, 6.

a Santíssima Trindade, vivificante, consubstancial e indivisível, a fé da Igreja professa também a distinção das Pessoas. Quando o Pai envia o seu Verbo, envia sempre o seu Sopro: missão conjunta na qual o Filho e o Espírito Santo são distintos mas inseparáveis. Sem dúvida, é Cristo quem aparece, Ele que é a Imagem visível de Deus invisível; mas é o Espírito Santo que O revela.

1695 «Justificados pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus» (1 Cor 6, 11), «santificados e chamados a serem santos»⁶¹, os cristãos tornaram-se «templo do *Espírito Santo*» (1 Cor 6, 19). Este, que é o «Espírito do Filho», ensina-os a orar ao Pai⁶² e, tendo-Se feito vida deles, impele-os a agir⁶³ para produzirem os frutos do Espírito⁶⁴ mediante uma caridade activa. Curando as feridas do pecado, o Espírito Santo renova-nos interiormente por uma transformação espiritual⁶⁵, ilumina-nos e fortalece-nos para vivermos como «filhos da luz» (Ef 5, 8) «em toda a espécie de bondade, justiça e verdade» (Ef 5, 9).

2766 Mas Jesus não nos deixa uma fórmula para ser repetida maquinalmente⁶⁶. Como em toda a oração vocal, é pela Palavra de Deus que o Espírito Santo ensina os filhos de Deus a orar ao seu Pai. Jesus dá-nos, não somente as palavras da nossa oração filial, mas também, ao mesmo tempo, o Espírito pelo qual elas se tornam em nós «espírito e vida» (Jo 6, 63). Mais ainda: a prova e a possibilidade da nossa oração filial é que o Pai «enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: “Abbá! ó Pai!”» (Gl 4, 6). Uma vez que a nossa oração traduz os nossos desejos junto de Deus, é ainda «Aquele que sonda os corações», o Pai, que «conhece o desejo do Espírito, porque é de acordo com Deus que o Espírito intercede pelos santos» (Rm 8, 27). A oração ao nosso Pai insere-se na missão misteriosa do Filho e do Espírito.

2777 Na liturgia romana, a assembleia eucarística é convidada a orar ao nosso Pai com ousadia filial. As liturgias orientais utilizam e desenvolvem expressões análogas: «Ousar com toda a segurança», «tornai-nos dignos de». Diante da sarça ardente foi dito a Moisés: «Não te aproximes. Descalça as sandálias» (Ex 3, 5). Este umbral da santidade divina, só Jesus o podia franquear, Ele que, «tendo realizado a purificação dos pecados» (Heb 1, 3), nos introduz perante a face do Pai: «Eis-me, a mim e aos filhos que Deus Me deu!» (Heb 2, 13):

«A consciência que temos da nossa situação de escravos far-nos-ia sumir sob o chão, a nossa condição terrena dissolver-se-ia em pó, se a autoridade do próprio Pai e o Espírito do Seu Filho não nos levasse a soltar este grito: “Abbá, Pai!” (Rm 8, 15) [...]. Quando é que a fraqueza dum mortal se atreveria a chamar a Deus seu Pai, senão somente quando o íntimo do homem é animado pelo poder do alto?»⁶⁷.

2778 Este poder do Espírito que nos introduz na oração do Senhor é expresso, nas liturgias do Oriente e do Ocidente, pela bela expressão tipicamente cristã:

⁶¹ Cf. 1 Cor 1, 2.

⁶² Cf. Gl 4, 6.

⁶³ Cf. Gl 5, 25.

⁶⁴ Cf. Gl 5, 22.

⁶⁵ Cf. Ef 4, 23.

⁶⁶ Cf. Mt 6, 7; 1 Rs 18, 26-29.

⁶⁷ SÃO PEDRO CRISÓLOGO, *Sermão* 71, 3: CCL 24A, 425 (PL 52, 401).

«parrêsia», simplicidade sem desvio, confiança filial, segurança alegre, ousadia humilde, certeza de ser amado⁶⁸.

CIC 430-435, 2666-2668, 2812: o nome de Jesus

- 430** Em hebraico, *Jesus* quer dizer «Deus salva». Aquando da Anunciação, o anjo Gabriel dá-lhe como nome próprio o nome de Jesus, o qual exprime, ao mesmo tempo, a sua identidade e a sua missão⁶⁹. Uma vez que «só Deus pode perdoar os pecados» (*Mc* 2, 7), será Ele quem, em Jesus, seu Filho eterno feito homem, «salvará o seu povo dos seus pecados» (*Mt* 1, 21). Em Jesus, Deus recapitula, assim, toda a sua história de salvação em favor dos homens.
- 431** Nesta história da salvação, Deus não Se contenta com libertar Israel «da casa da escravidão» (*Dt* 5, 6), fazendo-o sair do Egito. Salvou-o também do seus pecados. Porque o pecado é sempre uma ofensa feita a Deus⁷⁰, só Ele é que pode absolvê-lo⁷¹. É por isso que Israel, tomando cada vez mais consciência da universalidade do pecado, só poderá procurar a salvação na invocação do nome do Deus Redentor⁷².
- 432** O nome de Jesus significa que o próprio nome de Deus está presente na pessoa de seu Filho⁷³ feito homem para a redenção universal e definitiva dos pecados. Ele é o único nome divino que traz a salvação⁷⁴ e pode desde agora ser invocado por todos, pois a todos os homens Se uniu pela Encarnação⁷⁵, de tal modo que «não existe debaixo do céu outro nome, dado aos homens, pelo qual possamos ser salvos» (*Act* 4, 12)⁷⁶.
- 433** O nome de Deus salvador era invocado apenas uma vez por ano, pelo sumo sacerdote, para expiação dos pecados de Israel, depois de ter aspergido o propiciatório do «santo dos santos» com o sangue do sacrifício⁷⁷. O propiciatório era o lugar da presença de Deus⁷⁸. Quando São Paulo diz de Jesus que Deus O «ofereceu para, n'Ele, pelo seu sangue, se realizar a expiação» (*Rm* 3, 25), quer dizer que, na sua humanidade, «era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo» (*2 Cor* 5, 19).
- 434** A ressurreição de Jesus glorifica o nome de Deus salvador⁷⁹ porque, a partir daí, é o nome de Jesus que manifesta em plenitude o poder supremo do nome que está acima de todos os nomes» (*Fl* 2, 9-10). Os espíritos maus temem o seu

⁶⁸ Cf. *Ef* 3, 12; *Heb* 3, 6; 4, 16; 10, 19; *1 Jo* 2, 28; 3, 21; 5, 14.

⁶⁹ Cf. *Lc* 1, 31.

⁷⁰ Cf. *Sl* 51, 6.

⁷¹ Cf. *Sl* 51, 11.

⁷² Cf. *Sl* 79, 9.

⁷³ Cf. *Act* 5, 41; *3 Jo* 7.

⁷⁴ Cf. *Jo* 3, 18; *Act* 2, 21.

⁷⁵ Cf. *Rm* 10, 6-13.

⁷⁶ Cf. *Act* 9, 14; *Tg* 2, 7.

⁷⁷ Cf. *Lv* 16, 15-16; *Sir* 50, 22; *Heb* 9, 7.

⁷⁸ Cf. *Ex* 25, 22; *Lv* 16, 2; *Nm* 7, 89; *Heb* 9, 5.

⁷⁹ Cf. *Jo* 12, 28.

nome⁸⁰ e é em seu nome que os discípulos de Jesus fazem milagres⁸¹, porque tudo o que pedem ao Pai, em seu nome, Ele lho concede⁸².

435 O nome de Jesus está no centro da oração cristã. Todas as orações litúrgicas se concluem com a fórmula «*per Dominum nostrum Jesum Christum* – por nosso Senhor Jesus Cristo». A Ave-Maria culmina nas palavras «e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus». A oração-do-coração dos Orientais, chamada «oração a Jesus», diz: «Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador». E muitos cristãos morrem, como Santa Joana d’Arc, tendo nos lábios apenas uma palavra: «Jesus»⁸³.

2666 Mas o nome que tudo encerra é o que o Filho de Deus recebe na sua encarnação: JESUS. O nome divino é indizível para lábios humanos⁸⁴; mas, ao assumir a nossa humanidade, o Verbo de Deus comunica-no-lo e nós podemos invocá-lo: «Jesus», «YHWH salva»⁸⁵. O nome de Jesus contém tudo: Deus e o homem e toda a economia da criação e da salvação. Rezar «Jesus» é invocá-Lo, chamá-Lo a nós. O seu nome é o único que contém a presença que significa. Jesus é o Ressuscitado, e todo aquele que invocar o seu nome, acolhe o Filho de Deus que o amou e por ele Se entregou⁸⁶.

2667 Esta invocação de fé tão simples foi desenvolvida na tradição da oração sob as mais variadas formas, tanto no Oriente como no Ocidente. A formulação mais habitual, transmitida pelos espirituais do Sinai, da Síria e de Athos, é a invocação: «Jesus, Cristo, Filho de Deus, Senhor, tende piedade de nós, pecadores!». Ela conjuga o hino cristológico de *Fl* 2, 6-11 com a invocação do publicano e dos mendigos da luz⁸⁷. Por ela, o coração sintoniza com a miséria dos homens e com a misericórdia do seu Salvador.

2668 A invocação do santo Nome de Jesus é o caminho mais simples da oração contínua. Muitas vezes repetida por um coração humildemente atento, não se dispersa num «mar de palavras» (*Mt* 6, 7), mas «guarda a Palavra e produz fruto pela constância»⁸⁸. E é possível «em todo o tempo», porque não constitui uma ocupação a par de outra, mas é a ocupação única, a de amar a Deus, que anima e transfigura toda a acção em Cristo Jesus.

2812 Finalmente, é em Jesus que o nome do Deus santo nos é revelado e dado, na carne, como salvador⁸⁹: revelado pelo que Ele é, pela sua Palavra e pelo seu sacrifício⁹⁰. É o coração da sua oração sacerdotal: «Pai santo, [...] por eles Eu me consagro para que também eles sejam consagrados na verdade» (*Jo* 17, 19).

⁸⁰ Cf. *Act* 16, 16-18; 19, 13-16.

⁸¹ Cf. *Mc* 16, 17.

⁸² Cf. *Jo* 15, 16.

⁸³ Cf. *La réhabilitation de Jeanne la Pucelle. L'enquête ordonnée par Charles VII en 1450 et le codicille de Guillaume Bouillé*, ed. P. DONCOEUR – Y. LANHERS (Paris 1956), p. 39.45.56.

⁸⁴ Cf. *Ex* 3, 14; 33, 19-23.

⁸⁵ Cf. *Mt* 1, 21.

⁸⁶ Cf. *Rm* 10, 13; *Act* 2, 21; 3, 15-16; *Gl* 2, 20.

⁸⁷ Cf. *Lc* 18, 13; *Mc* 10, 46-52.

⁸⁸ Cf. *Lc* 8, 15.

⁸⁹ Cf. *Mt* 1, 21; *Lc* 1, 31.

⁹⁰ Cf. *Jo* 8, 28; 17, 8; 17, 17-19.

Porque Ele próprio «santifica» o seu nome⁹¹, é que Jesus nos «manifesta» o nome do Pai⁹². No termo da sua Páscoa é que o Pai Lhe dá então o nome que está acima de todo o nome: Jesus é Senhor para glória de Deus Pai⁹³.

⁹¹ Cf. *Ez* 20, 39; 36, 20-21.

⁹² Cf. *Jo* 17, 6.

⁹³ Cf. *Fl* 2, 9-11.